

## **Alunos da USP vindos da rede pública enfrentam dificuldades**

*Victor Francisco Ferreira*

Alunos ingressantes na USP oriundos de escolas públicas enfrentam diversas dificuldades na universidade. As principais delas são o gerenciamento do tempo, as avaliações aplicadas e os conteúdos das aulas, considerados por eles como muito mais complexos do que a base oferecida no cursinho ou na escola os preparou para encontrar na universidade. Outros fatores são dificuldades de relacionamento entre os alunos, que deriva da falta de espaços para socialização em algumas unidades, e o distanciamento da relação entre alunos e professores.

O estudo da professora Valéria Cordeiro Fernandes Belletati, realizado na Faculdade de Educação (FE) da USP, avaliou os fatores considerados mais difíceis para o sucesso de alunos da escola pública que ingressam na Universidade de São Paulo. A partir de um levantamento quantitativo, a professora decidiu abordar alunos de três cursos, Licenciatura em Física, Ciências Biológicas e Letras. "Escolhi um curso de cada área de conhecimento (exatas, biológicas e humanas) considerando, em relação a alunos providos da escola pública, índices de evasão no semestre de ingresso bem como o número absoluto de ingressantes", explica a pesquisadora.

Foram feitos, em 2009, contatos com 40 alunos ingressantes para saber quais as principais dificuldades encontradas, como eles avaliavam o início das aulas, organizavam o currículo, se sabiam como obter bolsas e auxílios e se conseguiam aproveitar o ambiente universitário. A principal dificuldade apontada foi o mal gerenciamento do tempo. "Muitos trabalhavam e não conseguiam realizar todas as tarefas. Outros gastavam até três horas por dia em locomoção para chegar à USP e voltar para casa, além de simplesmente não conseguirem se organizar", afirma Valéria.

Outro problema apontado foram as avaliações. Muitos têm dificuldade de se preparar bem para as provas, continuam com dúvidas sobre o conteúdo mesmo após a avaliação ou não entendem o que é pedido. "Eles saíam-se bem nas aulas e mal nas provas. Isso acontece porque na universidade os professores vêem a prova como classificação, e não como avaliação", explica a pesquisadora. As provas não são utilizadas como diagnóstico das dificuldades dos alunos para que, a partir disso, o professor possa elaborar melhor a continuação das aulas, nem favorecem a adoção de um enfoque profundo de aprendizagem pelo aluno ingressante.

### **Professores distantes**

Os alunos também se queixaram dos conteúdos ensinados em sala de aula. Em comparação com a base aprendida na escola ou no cursinho eles são muito mais complexos. "Pode-se afirmar que o ensino médio, nesse caso, é insuficiente para a continuação dos estudos na faculdade. Isso não significa que eles desejem reduzir a complexidade dos conteúdos. Para além de uma crítica com relação ao ensino básico, temos que repensar como a didática na universidade pode contribuir para a minimização do problema", diz Valéria. Um aspecto que não ajuda a diminuir este problema é a relação distante entre alunos e professores. "Os professores não são acessíveis fora do horário de aula. Muitas vezes os graduandos recorrem a mestrandos e doutorandos a função de plantonista. Apesar de muitos alunos virem com positiva a intervenção dos monitores, a interação dos professores com os alunos é fundamental para que a aula seja direcionada conforme a necessidades destes alunos."

Em 2010, a pesquisadora voltou a conversar com dez dos alunos para ver se no segundo ano de universidade as dificuldades persistiam. "A universidade não os ajuda a diferenciar ensino médio de ensino superior, cujas finalidades são de formação técnica, científica e política. Os alunos também não reavaliavam o percurso curricular nem reduzem a carga horária, sentindo a obrigação de seguir a previsão fornecida pela instituição. O que conta muito para os alunos vencerem as dificuldades são as características pessoais. Alunos mais ativos, extrovertidos, com experiência anterior em universidades e com mais iniciativa são os que têm mais facilidade", explica a autora.

Perguntados sobre como tentavam superar os problemas, nenhum aluno apontou o professor como suporte. "Eles buscam ajuda de amigos, colegas de sala, na internet, na biblioteca ou com monitores". Segundo Valéria, os professores precisam atentar ao perfil dos alunos e devem aproximar-se mais deles. "Os docentes não têm formação pedagógica, mas deveriam ter. Ele precisa discutir e refletir sobre a função da universidade e conhecer individualmente os alunos, suas dificuldades".

### **Vencedores**

Apesar de todos os problemas que surgem, segundo a pesquisadora, todos os alunos se consideram vencedores por estarem estudando na USP. "Nem sempre as dificuldades são superadas. No segundo ano de universidade alguns dos alunos entrevistados já apresentam notas baixas e reprovações. Mesmo assim, consideravam-se vencedores e não cogitavam abandonar o curso."

As ações a serem aplicadas pela universidade para ajudar os alunos oriundos da rede pública de ensino devem focar os cursos e suas especificidades. "As diferenças entre os cursos vão além das áreas de conhecimento", afirma Valéria. Um exemplo disso é o curso de Letras, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). "Os alunos se relacionam pouco. Existem muitas aulas em turmas diferentes. Isso atrapalha a integração entre os estudantes. Seria preciso propor atividades de relacionamento entre os alunos."

A conclusão do trabalho traz indicações da necessidade de formação contínua dos professores deste nível de ensino: "Não existe uma cultura de trabalho coletivo entre os docentes do ensino superior que não têm formação pedagógica, mas deveriam ter. Eles precisam discutir e refletir sobre a função da universidade e conhecer individualmente os alunos, suas dificuldades", afirma a pesquisadora.

**Fonte: Agência USP de Notícias, 17 out. 2011. [Portal]. Disponível em: <<http://www.usp.br/agen>>. Acesso em: 19 out. 2011.**